

COLECÇÃO

# Um Delfim português

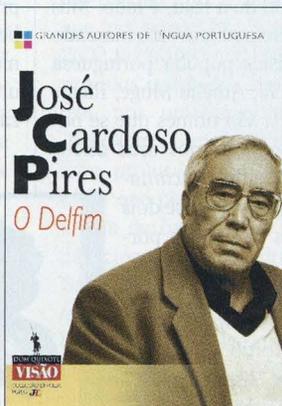
José Cardoso Pires foi um dos escritores que melhor captou o pulsar repressivo-erótico do Estado Novo.

O seu romance *O Delfim* é uma obra-prima sobre o agrilhoamento imposto pelo regime de então. O livro da próxima semana na colecção VISÃO/Dom Quixote

FERNANDO DACOSTA

A imagem de um palacete de província, habitado por uma família flutuante à roda do seu senhor, junto de um lago de águas enevoadas onde se caçam patos e desaparecem pessoas, constitui o cenário do romance que, na próxima semana, passa a integrar a Biblioteca VISÃO.

A importância do livro, publicado nos finais da década de sessenta, tornou-o rapidamente uma referência da nossa literatura – e da nossa postura. Porque, para lá da história que nele se conta, há, subtil, inquietante, a metáfora que nele se insinua: a de um palacete (residência, em São Bento, do chefe do Governo) sobranceiro a um lago (o império) onde



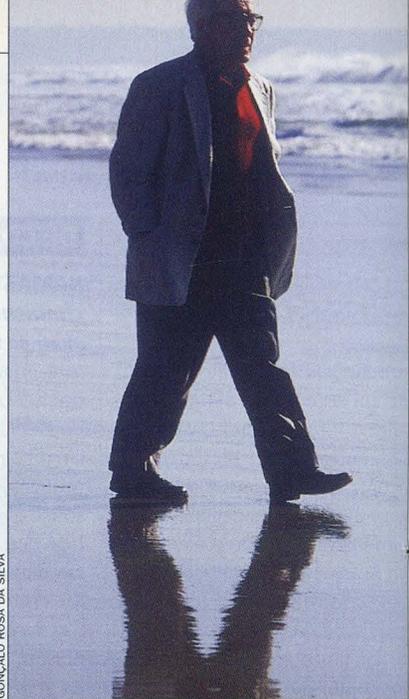
um grupo de pessoas (o povo português) vive, sofre, serve, ama, silencia-se, adia-se. Como seu símbolo, o autor escolhe uma lagartixa, «parda, imóvel, estilhaço de pedra sobre outra pedra maior e mais antiga, estilhaço sensível e vivaz debaixo do seu sono aparente: o nosso tempo amesquinhado», escreve.

## Marialvismos mutantes

Nesse submundo de província (a aldeia de Gafeira que o autor inventou ao pormenor de mapas, odores e luminosidades), emergem, por vezes, com magnificência, imagens da capital e dos seus poderosos (classe dominante) com as suas exibições, au-

tomóveis, luxos, prepotências, ousadias, cobardias.

O marialvismo inunda todas as mentalidades (José Cardoso Pires é, aliás, au-



GONÇALO ROSA DA SILVA

**JOSÉ CARDOSO PIRES**  
Um estilo único na literatura portuguesa

tor do célebre ensaio *A Cartilha do Marialva*), característica nossa herdada e transmitida sobre as revoluções, as gerações que vamos fazendo e formando, desfazendo e deformando.

Não querendo que o seu livro fosse apreendido pela polícia, nem «enfeudado» ao neo-realismo (dominante), o romancista apresenta uma versão moderna (a de um engenheiro jovem e galante, Tomás Palma Bravo) do seu tirano-protagonista, para evitar equívocos com Salazar, e deu-o a ler, discutindo-o, alterando-o, a Carlos de Oliveira, figura tutelar da literatura de então. Ao mesmo tempo leu-o (discutindo-o, alterando-o)

## 'O Círculo dos Círculos'

Pequeno excerto do prefácio (escrito em 1988) de Eduardo Prado Coelho para a 10.ª edição de *O Delfim*, de José Cardoso Pires, nas Publicações Dom Quixote

O delfim é o engenheiro Tomás Manuel Palma Bravo. Uma espécie de cognome, entre outros de menor valia e alcance. Mas, sobretudo, uma forma de estar no mundo, uma forma de ficar na história, uma forma de ascender ao plano do mito. Mas *O Delfim* é também o título de um romance, este romance que o leitor vai ler, e onde se fala da vida, e da proximidade da morte, de Palma Bravo. Talvez seja conveniente começarmos por chamar a atenção para o facto de que também o romance, o livro de Cardoso Pires, foi envolvido nessa at-

mosfera mítica que parece desprender-se do seu aparente herói, e tem hoje um lugar muito nítido, e obviamente privilegiado, na literatura de ficção do nosso Século XX.(...) É um nome, em primeiro lugar, um nome apropriado que se torna próprio e emblema de um sentido natural da propriedade: o Delfim como herdeiro do poder numa linha de soberania, mas também o delfim como ave prenunciadora de desgraças e catástrofes. Mas é sobretudo o nome como emanção de um lugar: a lagoa. Porque é da lagoa,

esse corpo de água e incandescente respiração, essa voragem significativa, porque é da lagoa que tudo parte; «Lagoa, para a gente daqui quer dizer coração, refúgio de abundância. Odre. Ilha. Ilha de água cercada de terra por todos os lados e por espingardas da lei. Mas ilha, odre, coroa de fumos ou constelação de aves, é a partir dela que uma comunidade de camponeses-operários mede o universo [...]. E, veja-se, é igualmente a lagoa (ou a nuvem em sua representação) que me chamou aqui e me tem entre quatro paredes, à espera e a recor-

dar.» Há assim um fio enigmático que nos une: todos nós, de José Cardoso Pires, escritor, até aos narradores em que o escritor se representa, dos tipógrafos aos copistas, dos editores aos livreiros, dos críticos aos leitores, dos professores aos estudantes, todos continuamos a ser, de certo modo, súbditos dessa lagoa que o texto de Cardoso Pires inventa para passar a ser apenas a sombra da sua própria invenção. Há, portanto, uma circularidade que se alarga, é ela que nos envolve, e é para ela que solicitamos a cumplicidade do leitor.

a Natália Correia («papisa» do surrealismo), matando, assim, de uma cajadada três coelhos.

### Vida permanente

«Em arte, a fidelidade maior só se faz por transgressões, sempre foi assim», dizia, como que justificando-se com naturalidade e lucidez extremas. Os salazaristas não ligaram ao volume (o presidente do Conselho de Ministros acabou de cair de uma cadeira, no forte de Santo António do Estoril), os opositores (das várias correntes estéticas) adoraram-no.

A «desfocagem» do tempo e do espaço que *O Delfim* comporta projectaram-no, entretanto, para lá do seu tempo e do seu espaço, universalizando-o, vivificando-o. Tornou-se, com efeito, um romance de vida permanente, conhecendo reedições sucessivas e adaptações a outros meios como o cinematográfico (caso do filme de Fernando Lopes) de excepcional qualidade. A VISÃO orgulha-se de o poder oferecer, agora, aos seus leitores. ■

## A actualidade de 'O Delfim'

Excerto de entrevista de Fernando Lopes – realizador da adaptação cinematográfica de *O Delfim* (em 2001) – a Rodrigues da Silva, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de 3 de Abril de 2002

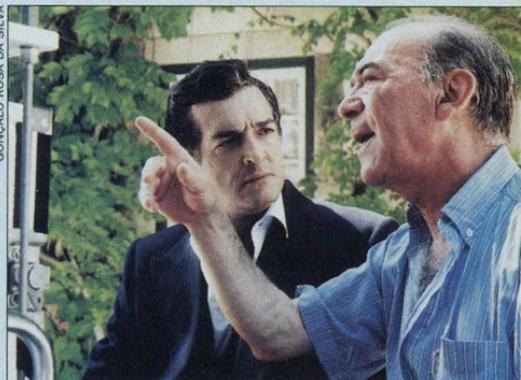
**JL:** Em que medida é que um filme, cuja acção decorre no final dos anos 60, poderá ser visto hoje por um público que nesse tempo ainda não tinha nascido?

**FERNANDO LOPES:**

Pelas projecções feitas tenho notado uma reacção muito forte por parte das mulheres (não falo de críticas). Muitas dizem: «Está aqui o que nós passámos. Fomos de facto prisioneiras deste mundo.» Acho que isto tem muito

mais a ver connosco hoje do que se pode pensar. O marialvismo não desapareceu: os senhoritos estão a regressar e a relação com as mulheres no mundo deles não mudou assim tanto. Neste aspecto, *O Delfim* – infelizmente – é extremamente

GOINÇALO ROSA DA SILVA



### EM RODAGEM

Fernando Lopes com o protagonista da versão cinematográfica de *O Delfim*, Rogério Samora

actual. O filme é sobre fantasmas, é como fantasmas loucos que no fim eles acabam, e penso que há uma espécie de maldição salazarista a pesar sobre este país. Apesar das Europas, continuamos a viver num mundo fechado.